

CANTOS DO ROSÁRIO

INVENTÁRIO DIGITAL DAS CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS DE ROSÁRIO OESTE

Lugares

Cadernos Temáticos 3

Marcia Alves Soares da Silva
Zuleika Alves de Arruda





Este caderno temático faz parte do material produzido no âmbito do Projeto “Inventário digital das celebrações religiosas de Rosário Oeste - MT”, sob coordenação da pesquisadora Zuleika Arruda e com apoio da SECEL - MT.

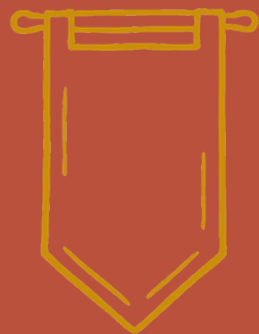
Os lugares são a força de coesão, construção e convívio das comunidades. São neles que a existência cotidiana é possível, ganha sentido e significado, onde a história e memória vão se construindo e ganhando materialidade.

O corpo conecta as pessoas aos lugares, cujas relações afetivas sustentam tais conexões, formando uma rede de relações materiais e imateriais, concretas e subjetivas, de usos e simbólicas.

Nos lugares são possíveis a manifestação da pluralidade da existência, com as práticas culturais que ganham significado nos lugares, mas também ressignificam tais espaços. Nesses lugares, o patrimônio cultural materializa-se, ao mesmo tempo em que também tornam-se simbólicos justamente pelas expressões da cultura. Nesse diálogo, comunidades vão construindo suas identidades, histórias e memórias plurais.

Rosário Oeste e todos os seus cantos têm lugares de celebrações, saberes e formas de expressão que contam a história, a memória, a identidade e o senso de comunidade do seu povo. Aqui veremos que a força, o desejo e a fé das pessoas motivam suas práticas ligadas às festas religiosas, que se realizam nos bairros, ruas, casas, cozinhas e lugares importantes para a comunidade.

AGRADECIMENTOS



Agradecemos a todas as comunidades que nos apoiaram e compartilharam seus saberes e conhecimentos ancestrais.

Agradecemos as agências de fomento pelo apoio e valorização da produção científica e cultural sobre as práticas culturais e cotidianas.





O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas.
O lugar não é um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significados.

Amélia Nogueira

Apresentação



Este caderno temático reúne reflexões sobre os lugares que fazem parte das celebrações religiosas em Rosário Oeste e que integram o cotidiano das comunidades da Baixada Cuiabana. As chamadas “**festas de santo**” revelam formas de **viver, sentir e organizar o território**, pois articulam **devoção, trabalho, sociabilidade e memória coletiva**. Cada celebração mobiliza a **atuação nos lugares**, reorganizando as relações, as dinâmicas e práticas, no intuito de dar sentido e significado em torno da celebração.

Os Cantos do Rosário reúnem sentidos geográficos, culturais e simbólicos que dialogam diretamente com o escopo do projeto. Em primeiro lugar, “**cantos**” remete **aos espaços do município onde a vida acontece, aos cantos da cidade e das comunidades, aos microterritórios que não estão no centro, mas que sustentam a cultura cotidiana**. Na Geografia, esses cantos podem ser entendidos como **lugares de encontro**, onde se constroem **vínculos, identidades e práticas de cuidado**, muitas vezes fora dos circuitos oficiais de reconhecimento.

O inventário digital proposto pela pesquisa, inspirado no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do IPHAN, reforça esse entendimento ao registrar **saberes, fazeres, agentes sociais e microterritórios**. Organizar essas informações em uma material didático e acessível contribui para **fortalecer a memória, ampliar a visibilidade das práticas culturais e apoiar políticas de salvaguarda**.

Assim, este caderno temático apresenta as festas de santo não apenas como expressões religiosas, mas como **expressões de sentido e significado nos/dos lugares**.

Os lugares



Quando falamos em lugar, não estamos nos referindo apenas a um ponto no mapa ou a uma construção física. Segundo **o Livro de Lugares do IPHAN, os lugares são espaços onde a cultura se vive, se troca e se renova**: feiras, mercados, praças, igrejas, santuários, ruas e comunidades que se tornam palco da convivência e da expressão cultural. São **espaços marcados por práticas cotidianas e festivas, atravessados por memórias, afetos e saberes**.

No âmbito do INRC, as **celebrações correspondem a ocasiões singulares de sociabilidade** que articulam ritos, saberes, formas de expressão, comensalidade e organização coletiva. Elas não se restringem ao momento festivo, mas envolvem todo um **conjunto de práticas que produzem sentidos específicos de lugar e território**. Ao serem registradas, deixam de ser vistas apenas como eventos e passam a ser reconhecidas como **referências culturais que estruturam a vida social**.

O lugar envolve dimensões simbólicas, emocionais, culturais e políticas. Há diferenças entre o modo como o lugar é vivido por quem está “de dentro” e como ele é descrito por quem está “de fora”. Para quem vive, o lugar está ligado aos afazeres cotidianos, às redes de interação e aos vínculos sociais (Buttimer, 2015). Assim, os **lugares ganham sentido e significado** a partir das **experiências individuais e coletivas** que acontecem em diferentes espaços.

Haesbaert (2017) acrescenta a **dimensão afetiva**: somos responsáveis pelos **lugares que nos cativam e pelos que cultivamos**. O lugar nos convoca a habitá-lo e, nesse processo, produz **identidades, conexões e diferenças**. Mais do que controlar um espaço, é **deixar-se envolver** por ele.

Nora (1993) contribui ao discutir os **“lugares de memória”**. Em um contexto de aceleração da história e ruptura com o passado, certos espaços tornam-se marcos de **lembrança coletiva**. A memória se enraíza no **concreto, no gesto, no objeto e no espaço**. Quando registramos um lugar, **reconhecemos seu valor simbólico** e sua importância para a **identidade de um grupo**.

Pensar o lugar dessa maneira nos ajuda a compreender que ele não é apenas cenário, mas **experiência viva**. Ele expressa relações de trabalho, fé, amizade, lazer, sofrimento, resistência e esperança. É onde se constroem espacialidades, onde o **passado dialoga com o presente e onde identidades são continuamente recriadas**.

Em Rosário Oeste, as festas de santo revelam como o lugar é produzido pela experiência coletiva. São territórios de memória, de cuidado e de resistência cultural. Ao inventariá-las, reconhecemos não apenas um evento religioso, mas um modo de habitar o mundo, onde espaço e vida se entrelaçam na construção contínua da identidade territorial rosariense.



Para Nogueira (2017), o lugar é o lócus da vida, o mundo vivido. Ele não é homogêneo nem abstrato, mas concreto e existencial. As pessoas constroem e dão significados aos lugares a partir da experiência. O lugar é um “pedaço de mundo” carregado de emoções, histórias e valores. Quando falamos de nosso lugar, não falamos de um objeto ou de uma área delimitada, mas de algo que faz parte da nossa existência.

Nogué (2009) afirma que os cantos da cidade, bem como outros cantos, podem se tornar lugares cheios de significado que incorporam a experiência e as aspirações das pessoas, evocam memórias e expressam pensamentos, ideias e emoções diferentes, uma vez que, antes de qualquer coisa, são espaços existenciais, por meio dos quais damos sentido ao mundo e agimos no mundo.

Em Rosário Oeste, as chamadas “festas de santo” exemplificam essa categoria de lugares. Vinculadas ao catolicismo popular, elas transcendem o campo estritamente religioso e se afirmam como práticas socioculturais e identitárias que compõem o patrimônio cultural imaterial do município, conforme definição do IPHAN (Brasil, 2000). Mais do que celebrações do calendário litúrgico, são experiências vividas que transformam casas, ruas, bairros e comunidades rurais em lugares carregados de memória, pertencimento e fé.

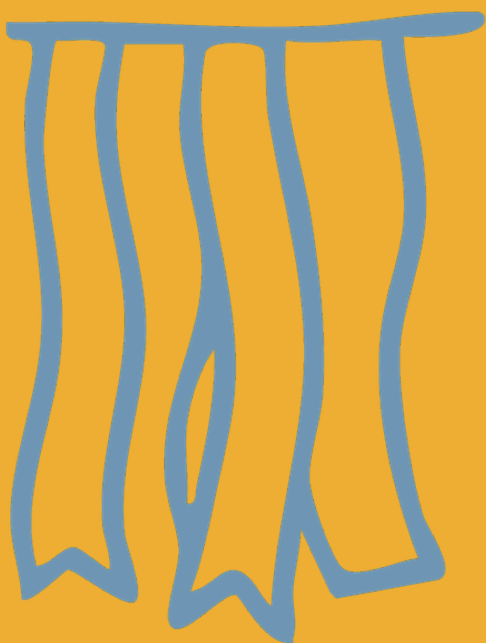


Assim, as festas religiosas em Rosário Oeste expressam a ideia de que os **lugares de celebrações são tecido por vozes, encontros e deslocamentos**. Cada festa, cada comunidade e cada celebração constitui um canto específico, singular, mas conectado aos demais por **redes de sociabilidade, fé e cuidado**.

Registrar e valorizar esses **lugares-cantos** é reconhecê-los como expressões fundamentais da cultura, da memória e do patrimônio cultural em Rosário Oeste.



Patrimônio cultural como lugar vivido e território festivo em Rosário Oeste



Como discutido anteriormente, o lugar não é apenas uma localização física, mas o **mundo vivido** (Nogueira 2014), construído a partir da **experiência, dos afetos e das relações**. É exatamente isso que ocorre nas festas rosarienses. A casa do promesseiro, a capela da comunidade, o bairro do Taboão, a Rua da Barra, o Sítio Sales, a comunidade da Figueira ou de Pai Eterno, o Rio Cuiabá não são apenas pontos no mapa. Tornam-se **territórios festivos, apropriados simbolicamente pela coletividade, onde fé, trabalho, lazer e memória se entrelaçam**.

Esses lugares possuem **elementos simbólicos que ficam marcados na paisagem**, sendo **testemunhos, recordações que contam a história** não só do lugar, mas também dos grupos. A **apropriação simbólica** particulariza o lugar, visto que além do material, também há um jogo de **sentimentos, pertencimento e valores**.

Em Rosário Oeste, as chamadas “festas de santo” exemplificam essa categoria de lugares. Vinculadas ao catolicismo popular, elas transcendem o campo estritamente religioso e se afirmam como **práticas socioculturais e identitárias que compõem o patrimônio cultural imaterial do município**, conforme definição do IPHAN (Brasil, 2000). Mais do que celebrações do calendário litúrgico, são experiências vividas que **transformam casas, ruas, bairros e comunidades rurais em lugares carregados de memória, pertencimento e fé**.

O lugar possui íntima relação com as **sensações, afeição e referências da experiência vivida**, apreendido e resgatado quase sempre pela **memória**. Nesse sentido, a preservação dos vários cantos de Rosário Oeste é também valorizar o patrimônio que é produzido na experiência, porque o patrimônio cultural material e imaterial faz parte da identidade, cultura e memória dos grupos (Alves e Freitas, 2012).

Na visão das autoras, a **preservação do patrimônio**, portanto, diz respeito a um **contexto**, seja ele **material** (paisagem, território, lugar), mas também **imaterial** (as práticas em torno deste patrimônio preservado).



As ações de preservação que envolvem a cultura e a história devem ter a perspectiva de manter a memória e o pertencimento da comunidade, por isso deve-se valorizar a comunidade que possui um elo afetivo com o lugar. Para tanto, faz-se necessária a adoção de políticas patrimoniais pluralistas que valorizem a diversidade, as heterogeneidades culturais e as múltiplas identidades (Alves e Freitas, 2012, p. 12).

Cada celebração produz símbolos territoriais que ultrapassam o dia da festa e permanecem no imaginário local. A Festa da Rua da Barra, a Festa do Taboão, a Festa do Pai Eterno, a Festa da Igrejinha ou a Festa do Sr. Damião não são apenas nomes: identificam lugares e comunidades, tornando-se referência espacial e afetiva.





Defendemos que a valorização do patrimônio cultural material e imaterial das práticas religiosas em Rosário Oeste possibilitam incluir a memória de fatos, pessoas ou ideias. Também entendemos que os objetos que compõem essas expressões culturais possuem **função simbólica na memória coletiva**, que é expressa por meio da **emoção e afetividade**. Portanto, é preciso uma atenção ao uso e à prática desses espaços, sendo que “Os bens culturais de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação que não cabe nesses conceitos, sendo mais importante, nesses **casos, registro e documentação** do que intervenção, restauração e conservação” (Sant’Anna, 2009, p. 55)

Podemos falar sobre o conceito de **patrimônio afetivo**. Na visão de Oliveira e Ribeiro (2019), um patrimônio é construído com sensibilidade aguçada e retrata as vivências dos indivíduos e suas memórias, sendo elas reconstruídas e fortificadas a cada narrativa. Assim, não estamos tratando apenas de questões políticas e regulamentares de tombamento e preservação, mas sim de como estes patrimônios serão percebidos pela população e selecionados para representação de uma cultura, que só ganhará reconhecimento e ressonância se dotado de **significado para a população que o escolhe**.

Em Rosário Oeste, um exemplo expressivo é o espaço festivo do “**Mangueiral D. Margarida de Arruda de Almeida**”, construído no Bairro Nossa Senhora Aparecida pela família de D. Maria Ferreira para celebrar o Divino Espírito Santo. Ali, **o altar, os barracões, a cozinha com fogões a lenha, os espaços de leilão e baile** recriam o ambiente da antiga festa rural em contexto urbano. O lugar é preparado, ornamentado, delimitado por bandeirolas e pelo trajeto da procissão, produzindo uma **territorialização simbólica da festa** (Almeida, 2011). Trata-se de um espaço onde **memória, fé e sociabilidade se materializam**.



Os patrimônios, sendo eles localmente construídos ou não, devem dispor de utilidade social e participação. Os patrimônios locais deveriam ser reintroduzidos no uso das comunidades, pois assim ganhariam um ideal, especialmente presentes nas experiências da população (Oliveira e Ribeiro, 2019, p. 858).



Um patrimônio pode ser também reivindicado como **vínculo memorial, afetivo**, em que as lembranças gravadas no passado sejam atualizadas a partir do trabalho de memória de modo que o reconhecimento se dê como **forma de preservar a si próprios no presente** (Bezerra, 2013).

Em Rosário Oeste, as **festas de santos** revelam como o lugar é produzido pela **experiência coletiva no presente, a partir também do passado**. São **territórios de memória, de cuidado e de resistência cultural**. Ao inventariá-las, reconhecemos não apenas um evento religioso, mas um **modo de habitar o mundo**, onde espaço e vida se entrelaçam na construção contínua da identidade territorial rosariense.

Assim, valorizar os lugares significa valorizar as pessoas que os habitam, suas memórias, seus afetos e suas práticas culturais. É reconhecer que o lugar não é apenas localização, mas existência compartilhada. Nas comunidades em Rosário Oeste, essa relação com os lugares se fortalece nas celebrações, em torno das festas religiosas e todas as redes de lugares que se conectam a prática: os bairros, as casas, as ruas, as cozinhas...



O rio



A relação da comunidade rosariense com o Rio Cuiabá é cotidiana. No início da sua formação territorial, a região era conhecida como **Distrito do Rio Acima**. Esse lugar desempenhou papel estruturante na formação econômica, social e cultural dessa região, contribuindo para a constituição de povoados rurais ao longo de seu curso.

O termo “rio acima” é utilizado como orientação espacial para indicar a localização relacional de um ponto geográfico em direção à montante do rio, isto é, em direção a sua nascente e contra a correnteza do rio. Quando o deslocamento ocorre em direção à jusante do rio, isto a sua foz, utiliza-se a expressão “rio abaixo”. O ponto de referência para tal delimitação era o Porto Geral da Vila de Cuiabá, de onde saíam e/ou entravam as mercadorias oriundas tanto das localidades situadas rio acima quanto aquelas rio-abaixo destinadas ao mercado externo, via rio Paraguai. Essa classificação regional evidencia a importância do Rio Cuiabá no processo de ocupação territorial e na circulação das mercadorias, fluxo de pessoas e informações.

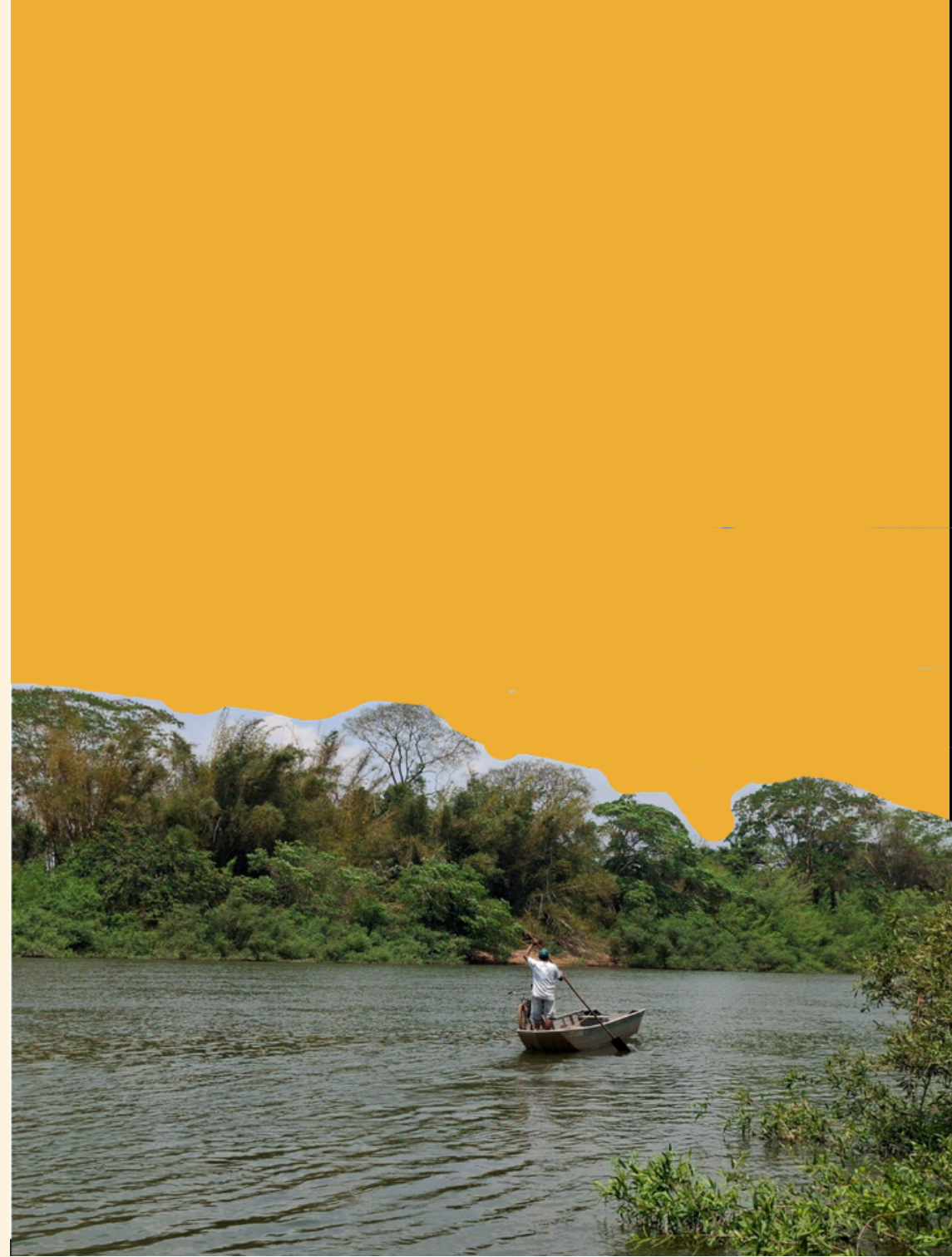
A pesca e agricultura de subsistência possibilitaram a formação de um pequeno povoado no século XVIII, cuja fundação se deu também com a construção da capela dedicada a **Nossa Senhora do Rosário**. O **rio e a religiosidade** marcaram a história desse lugar e foram inscritos nos diferentes nomes que Rosário Oeste recebeu.

A incorporação de Nossa Senhora do Rosário vinculando-a à toponímia geográfica Rio Acima, trata-se de uma linguagem que **articula política territorial e identidade**, do qual a religião (base simbólica) e o rio Cuiabá (base material e simbólica) da vida social, constituem eixos estruturadores e complementares na construção da identidade do lugar.

O rio Cuiabá além de configurar como elemento **estruturador da circulação, do transporte, das atividades econômicas e da formação dos povoados**, constitui, também, um elemento central na construção da **identidade e da geograficidade** dos assentamentos humanos ribeirinhos.

Ao longo do curso do rio Cuiabá, desenvolveram práticas espaciais que contribuíram para a construção de um *modus vivendi*, **de ser e viver ribeirinho**, marcado por relações cotidianas, sociais e culturais em estreita relação com a **dinâmica das águas, seus mitos e o sagrado**. Para esses moradores, o rio como parte de seu cotidiano, significa fonte de subsistência, de (re)produção da vida social, espaço do ócio e do lazer e das manifestações culturais e das práticas religiosas.

O rio Cuiabá não se configura apenas como um elemento natural da paisagem, mas como território vivido, carregado de significados, memórias e práticas socioculturais que se reproduzem ao longo das gerações, reforçando a identidade ribeirinha e a relação simbólica entre água e a religiosidade popular, uma vez que é por meio dela que muitos fenômenos naturais são explicados, interpretados e ritualizados.



Assim, rio e religiosidade estão conectados e não constituem meros indicadores espaciais ou administrativos, mas fazem parte de uma teia de narrativas que expressam formas simbólicas de apropriação do espaço por um dado grupo social, modos de ser, viver e relacionar com a natureza, com o sagrado e modos de organização social em um determinado momento histórico (Correa, 2007) e que contribuem para a formação de uma identidade territorial.





A título de exemplificação da relação entre natureza, fé e território, destaca-se a Festa do Divino Pai Eterno, realizada na comunidade rural do Pai Eterno, cuja devoção se vincula à narrativa do aparecimento da imagem do santo nas águas do Rio Cuiabá.

Segundo relatos da comunidade, no local onde a imagem foi encontrada, às margens do rio, foi edificada uma capela que, posteriormente, foi destruída pelas águas durante o período das cheias, evento que, na linguagem local, é denominado “dilúvio”, em referência às grandes inundações do rio Cuiabá. Após esse episódio, registra-se a edificação da capela e a nomeação do Divino Pai eterno, como Padroeiro e protetor da comunidade. Assim, a manifestação do sagrado nos elementos da natureza transforma o espaço em lugar de devoção e celebração, onde a memória, a fé e a experiência vivida reforçam a sacralização do território.

Pelos caminhos das águas circulam as imagens dos santos e as bandeiras esmoleiras, conectando comunidades e famílias e assegurando a continuidade das práticas festivas devocionais. Nas casas preservam o hábito de cultivar um nicho ou altar, onde rica e complexa icnografia é encontrada: quadros e estátuas de santos de devoção, às vezes incluindo-se mães-d’água e pretos velhos, velas, santinhos impressos em papel. (Campos, 2014, p.89).

Às margens do rio mora uma população que se exprime o cotidiano na linguagem da forma (Drumond, 1978), **(re)produzida no saber/fazer transmitido pela oralidade**, como a construção de canoas, a confecção de cerâmica e a elaboração de instrumentos musicais que enriquecem suas práticas culturais possuem a sua origem do meio ambiente circunvinzinho.

Um exemplo ilustrativo é a **viola-de-cocho**, um objeto musical utilizado nas manifestações culturais do cururu e nos levantamentos de mastros nas festividades dedicadas aos santos. A palavra “cocho” origina-se da técnica de escavação da caixa de ressonância da viola em um tronco de madeira sólido, que é a mesma empregada na confecção dos recipientes utilizados para armazenar alimentos destinados ao gado. (Dossiê IPHAN 2009).



Foto: Zuleika Arruda (2025)
Edição: Luzo Reis



Violeiros na Festa de São Benedito na comunidade de Mangueiral

A **viola-de-cocho**, enquanto objeto e forma simbólica, produz uma paisagem sonora que se expressa em duas maneiras distintas de tocar o instrumento, denominadas sotaques rio-acima e rio-abaixo.

A chamada viola rio acima refere-se ao trecho do rio Cuiabá em direção à nascente, caracterizado pela presença de corredeiras que dificultam a navegação, enquanto a viola rio-abaixo ou viola-rio-baixana corresponde ao trecho navegável do rio a partir da cidade de Cuiabá em direção ao Pantanal e sua foz. No trecho denominado rio-acima, a viola de cocho é tocada em ritmo mais lento e, em consequência, o cururu também apresenta um andamento mais moderado. Já no trecho do rio- -abaixo, a viola é tocada em andamento mais vivo, refletindo diretamente no ritmo do cururu.

Às margens do rio, convive uma comunidade cujos integrantes **“falam a linguagem do rio”** (Drumond, 1978), que inclui termos como: viola de cocho, ganzá, jacás (cesto para depositar peixe na água), sarãs (vegetação ribeirinha), canoa, pacu, rede, cururu, siriri, lufada, rio deu praia (vazante), nas águas (período de chuva), comer água (embriagar), comer cabeça de pacu (lenda). **Essas expressões remetem às vivência e às práticas sociais** que emergem da convivência cotidiana com o rio. Assim, o jacá, a rede, a canoa, o peixe, o sarã, pacu, a viola de cocho, o ganzá não são apenas objetos (formas) ou elementos naturais, mas fazem parte de um modo de vida que representa saberes e conhecimentos sobre a dinâmica e o tempo do rio, das cheias, da vazante e das práticas de pesca. Assim, quando o ribeirinho diz: “Subiu uma lufada. Demais de peixe. Ê ha!”, faz referência à migração dos peixes em direção às cabeceiras dos rios, sendo “Ê ha!” uma expressão que indica espanto ou admiração diante da abundância de peixes. (Drumond, 1978).

O rio, como um espaço vivido e de vivência, é carregado de significados e construídos a partir das experiências e práticas cotidianas dos sujeitos e que fazem parte da constituição da identidade cultural e territorial das comundiades ribeirinhas.

Foto: Luzo Reis (2025)



A rua



A rua constitui um elemento importante da vida pública: é o espaço de **circulação, do ver e ser visto, dos acontecimentos cotidianos**. É na rua que as manifestações religiosas em Rosário Oeste ganham **visibilidade**, mas não são apenas lugares de passagem, mas também tornam-se **elementos simbólicos da comunalidade** que marcam as festas, celebrações e encontros.

Enquanto espaço de observação, do ócio e da funcionalidade, “A rua é também um sistema de signos e de linguagem, orientando os deslocamentos e os fluxos, sinalizando possibilidades, restringindo alguns usos e sugerindo outros, ou seja, é um universo de disposições espaciais de coisas e comportamentos. Por isso, ela é um **lugar do diálogo permanente e renovado**” (Gomes, 2012, p. 27).

A rua da Barra, atual rua Cel. Botelho, é considerada uma das ruas mais antigas da cidade de Rosário Oeste. A toponímia da rua está associada à existência de um porto, denominado Porto da Barra, localizado às margens direita do Rio Cuiabá e esquerda do Ribeirão Cotia, revelando a permanência simbólica da dinâmica do rio na estruturação sociocultural e econômica do lugar e da história da cidade. Além desse porto, a rua dá acesso ao Porto das Laranjeiras, de grande importância, nas dinâmicas de circulação de pessoas, mercadorias e informações, especialmente no período em que o rio Cuiabá constituía a principal via de acesso e comunicação da região e do núcleo urbano em formação.

A rua estreita, serpenteando a margem direita do rio Cuiabá e esquerda do Ribeirão Cotia, afluente do rio Cuiabá, torna-se então, um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam, não apenas como uma narrativa histórica, mas também, como lugar carregado de memórias, de sociabilidades e experiências vividas de pessoas que fazem parte da história da cidade.

De acordo com relatos de antigos moradores, foi por meio do Porto da Barra que a imagem de Nossa Senhora do Rosário, encomendada no Rio de Janeiro por Dona Maria Francisca Tourinho, ingressou, em 1751, no território rosariense. Esse evento constitui um marco simbólico da implantação da territorialidade católica, pois a chegada da imagem e a posterior edificação de uma capela em sua homenagem no sítio Monjolo, deram origem ao núcleo inicial de povoamento (Ferreira, 1987).

Procissão da Festa de S. Benedito: Saida do Cruzeiro (Praça Manoel Loureiro) até o espaço festivo da Rua da Barra



A reconfiguração da paisagem e do cotidiano ordinário da rua não se restringe à festa de S. Benedito, manifestando-se também na procissão fluvial realizada durante a celebração da festa de N. S. do Rosário, padroeira do município.

O ritual religioso ressignifica simbolicamente o percurso fluvial em direção ao porto da Barra como narrativa da entrada da imagem da santa padroeira e, conseqüentemente, como marco da territorialidade religiosa local. Assim, não apenas o rio Cuiabá, mas também a rua da Barra se torna território vivido da devoção e fé.

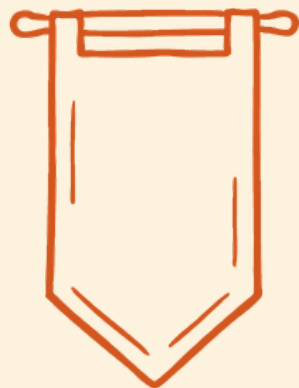


Foto: Zuleika Arruda (2025)
Edição: Luzo Reis



Procissão da Festa de São Benedito

A rua da Barra não constitui apenas um traçado físico ou administrativo, mas também, um espaço que materializa continuidades entre território existenciais, simbólicos de devoção e identidade cultural. Um lugar onde a “tradição se (re)inventar à realidade da sociedade urbana contemporânea, sem perder a sua essência”.

“A rua onde se mora é parte da experiência íntima de cada um. A unidade maior, o bairro, é um conceito. O sentimento que se tem pela esquina da rua local não se expande automaticamente com o passar do tempo, até atingir todo o bairro. O conceito depende da experiência, porém não é uma consequência inevitável da experiência” (Tuan, p. 189).



O bairro



O bairro amplia a noção de comunalidade e confere outra escala para atuação das pessoas e de suas manifestações culturais. O se revela como o **espaço-tempo da vida**, onde os encontros nas lojas, bares, casa do vizinho permites a “**prosa diária**” e **reconhecimento enquanto comunidade**, que vão revelando a importância do nível do lugar como plano do **vivido** (Carlos, 2007).

Em Rosário Oeste, os bairros ganham força na organização das celebrações religiosas, com as **comunidades assumindo as responsabilidades por determinadas festas** e o percorrer o bairro, como na Alvorada, constitui a **potência da experiência do comum**.

Dentre eles, destaca-se o **Bairro Taboão**, cuja Família Taboão tem papel significativo na organização das comunidade e das celebrações religiosas.

O bairro do Taboão, constitui a um dos núcleos de ocupação mais antigos situados fora do perímetro central onde se estruturou o sítio urbano inicial. Sua formação está associada ao **processo de expansão do tecido urbano** para além do núcleo original do povoado resultado do processo migratório de populações provenientes do meio rural, notadamente do distrito de Araras, como a Fazenda Casange, e outras localidades.

D. Gonçalina, filha de D. Margarida, relatou que grande parte das pessoas que se estabeleceram no Bairro Taboão era formada por **parentes e amigos**, evidenciando que o processo de ocupação ocorreu com base em **redes de parentesco e sociabilidade**.

Discutir o conceito de lugar a partir da análise desse bairro exige entendê-lo como um **espaço vivido e apropriado no cotidiano**, não apenas como um recorte físico. O bairro se configura como lugar na medida em que articula **práticas e relações que partem da casa e se expandem para a rua, a praça e outros espaços de convivência**. É nesse movimento da vida cotidiana que se produzem **vínculos, identidades e formas de pertencimento**.





Com o passar dos anos, o bairro passou por transformações urbanísticas decorrentes da atuação do poder público. Essas intervenções ampliaram a acessibilidade e mobilidades das pessoas, integrando-o progressivamente a área à malha urbana de Rosário Oeste.

Tais transformações evidenciam que a **continuidade da festa não se deu apenas no plano simbólico**, mas também na consolidação física de uma infraestrutura própria, revelando o **processo de institucionalização da prática devocional e sua crescente centralidade na vida comunitária**.

Desse modo, analisar o bairro é evidenciar a tríade cidadão, identidade e lugar, considerando que o espaço só se torna lugar quando é vivido e significado pelos sujeitos, sendo o corpo o mediador central dessa experiência.

A ampliação das responsabilidades e da participação refletiu-se também em um (re)ordenamento do espaço festivo do qual as antigas imagens foram substituídas por outras de maior porte, foram construídos e equipados barracões e cozinhas, e a capela passou a ser edificada em alvenaria, por meio de mutirão. Tais transformações evidenciam que a continuidade da festa não se deu apenas no plano simbólico, mas também na consolidação física de uma infraestrutura própria, revelando o processo de institucionalização da prática devocional e sua crescente centralidade na vida comunitária.

A ampliação de escala da festa implicou um processo de comunitarização da festa, expresso tanto nas interações sociais inicialmente estabelecidas entre a família prometteira e os moradores do bairro quanto na participação de irmandades e devotos, que passam a assumir tarefas no processo de realização da celebração. Nesse contexto, o significado de família amplia-se para além dos laços consanguíneos, passando a adquirir o sentido de um parentesco simbólico, como os colaboradores da festa se autodenominam: Família Taboão. Nessa configuração social a fé e devoção aos santos festejados articula-se à construção de vínculos de pertencimento e de identidade territorial, expressando formas coletivas de organização e reconhecimento comunitário.



A territorialidade que se configura no bairro, marcada pela proximidade espacial e pela convivência cotidiana, possibilitou a formação e a reprodução de redes de solidariedade, cooperação, vizinhança e laços de parentesco, permitindo que práticas culturais e festivas continuassem a (re)existir no espaço urbano.

Nesse sentido, o bairro formado na cidade por populações oriundas do êxodo rural não se configura apenas como um aglomerado de pessoas ou uma unidade administrativa, mas constitui também um território existencial e simbólico, marcado por relações de devoção, identidade cultural e pertencimento, onde a tradição se (re)inventa na sociedade urbana sem perder sua essência.

A territorialidade que se configura no bairro, marcada pela proximidade espacial e pela convivência cotidiana, possibilitou a formação e a reprodução de redes de solidariedade, cooperação, vizinhança e laços de parentesco, permitindo que práticas culturais e festivas continuassem a (re)existir no espaço urbano.



As cozinhas



As cozinhas são **lugares centrais nas casas**, não só porque é a li onde são produzidos as comidas que são essenciais para a existência, mas também porque são **lugares de partilha e comunhão**. Elas são retratos concretas das experiências culturais, onde os utensílios, a disposição dos objetos, os ingredientes e os saberes contam muito da história das famílias e comunidades.

De acordo com Ferreira (2020), a **espacialidade na alimentação** pode se desdobrar no **pensar da própria cozinha como um lugar**, já que ela concentra não apenas significativa parcela das atividades domésticas cotidianas, como também muitas das **memórias afetivas acerca da casa**. Nossas relações emocionais também são marcadas pelo espaço da cozinha: espaço do encontro, da reunião, dos aromas e sabores.

Portanto, a **cozinha é um espaço de relações sociais** e “Durante o preparo e o momento das refeições, a cozinha pode ser palco do **estreitar de laços** ou até mesmo do **estopim de desavenças**, entre as pessoas que ali estão” (Ferreira, 2020, p. 202).

Rossi, M. F. (2020). Degustando lembranças: Os sabores e a conformação de vínculo com o lugar [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná].

Percorrer as cozinhas das comunidades durante a preparação da festa é testemunhar a **conversão dos alimentos em sabores partilhados**. Uma semana antes da celebração, inicia-se o mutirão: limpeza do espaço, coleta e corte da lenha, organização dos utensílios, preparo de doces, licores e biscoitos. Homens e mulheres assumem funções complementares, numa dinâmica que expressa cooperação e não separação rígida. A comida ao final do trabalho funciona como **retribuição simbólica e reafirma o pacto coletivo**.

Na visão de Palhares (2014, p. 27) “**Dor, sorriso, partilha, amizade, solidão, desejo**, são apenas alguns sentimentos vividos em volta do fogão a lenha”.

Esse mutirão, ou motyrõ — “juntar as mãos para fazer” — revela uma **prática socioespacial** historicamente construída, como já apontava Candido (2001) ao tratar do cotidiano camponês. Na festa, o trabalho coletivo integra o universo simbólico da fé. **Cozinhar é também cumprir promessa**, agradecer graça alcançada e renovar a aliança com o santo.

A cozinha assume centralidade no dia da festa. O fogo dos fogões moldados no chão, herdeiros dos antigos tacurus indígenas, desperta cedo. Panelas de alumínio substituem as antigas panelas de barro, mas os saberes permanecem. O “ponto” não se mede por relógio ou termômetro: “é no olho”, “é quando o cheiro muda”.





O trabalho coletivo, o calor do fogo, o esforço físico, a fumaça que arde nos olhos são compreendidos como sacrifício que renova a aliança com o divino (Claval, 2001). Antes ou depois de servir, muitas cozinheiras **reúnem-se para agradecer de mãos dadas. A cozinha transforma-se em território simbólico de fé, onde corpo e território** se fundem em “territórios-corpos” (Haesbaert, 2020), rompendo dicotomias entre sagrado e profano.

A cozinha é espaço experiencial de sensações e o sabor se revela no ato de comer. Nesse ato, paisagem e sabor se misturam e se tornam uma só essência impregnada de gosto e aroma. Nesta arte de transformação dos alimentos, **são construídos saberes que levam a desvendar a superfície terrestre enquanto espaço e matéria** – espaço geográfico (Gratão, 2014).

O momento de servir é um dos mais esperados. Filas se formam, panelas são transportadas coletivamente, idosos e crianças recebem prioridade, cururueiros são atendidos com deferência. Alguns **levam vasilhames para casa, prática aceita como costume comunitário**. Nunca falta comida.

Após a **partilha**, o **espaço reorganiza-se em microterritórios de convivência**. Grupos se formam conforme **laços familiares e afetivos**. O ambiente que acolheu a reza cantada e o cururu passa a abrigar o rasqueado, o lambadão e a música sertaneja. O mesmo **espaço articula devoção, alimentação e dança**, revelando o hibridismo entre tradição camponesa e elementos contemporâneos (Brandão, s/d).

Celebrar, comer, rezar e dançar coexistem, sendo que a festa de santo, portanto, não é apenas evento religioso, mas momento privilegiado de **organização da vida social**, onde permanências e rupturas se entrelaçam.

Mesmo diante das transformações urbanas, da expansão do agronegócio e das pressões da modernidade, os **saberes e sabores persistem**. Eles reafirmam a **identidade territorial rosariense e demonstram que, nas festas de santo, a comida é memória viva, cuidado coletivo e linguagem do pertencimento**.





Referências

ALVES, Heliana de Moraes; FREITAS, Neida Maria. Patrimônio Cultural: uma visão Geográfica. In: Anais do 3º CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: patrimônio, sociedade e museus, 2012.

Bezerra, D. B. Patrimônio afetivo e fotografia: A memória de idosos asilados. Pelotas, RS: UFPel, 2017,. 242p

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v.5, n.1, Verão 2015. p. 4-19.

HAESBAERT, Rogério. Por amor aos lugares. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2017, 317p.

Inventário nacional de referências culturais : manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. – Brasília : Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

GOMES, Paulo César da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. In: CORRÊA, Roberto et al. Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NOGUEIRA, Amélia. Lugar como a representação da existência. XV Encontro de Geógrafos da América Latina, Cuba, 2014. Disponível em <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Teoriaymetodo/Teoricos/07.pdf> Acesso 7 set 2017

NOGUÉ, J. Geografías emocionales. La Vanguardia, p. 22, maio 2009. Disponível em <https://bloqs.xtec.cat/geografia/files/2009/05/geografias-emocionales.pdf>. Acesso 28 jan 2026.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São. Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.**

Oliveira, M.B. & Ribeiro, D.L. Patrimônios Afetivos: um novo recurso para o turismo em Morro Redondo-RS, Brasil. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, 11(4), p. 847-860, out-dez, 2019.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). Memória e patrimônio. Ensaios contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.